

COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO NO ENSINO ONLINE

Data de envio do trabalho: maio/2007

Adriana Clementino

USP / SITE Educacional - adriana@siteeducacional.com.br

Categoria: F

Setor Educacional: 5

Natureza: A

Classe: 1

Resumo

Pode-se dizer que uma das principais vantagens que a Educação a Distância via Internet apresenta sobre as formas anteriores (correspondência, rádio, etc.), é a possibilidade de interação e comunicação humana entre os participantes de um curso, oferecida através de diferentes tecnologias já incorporadas à Internet. Nos modelos anteriores de EAD, devido a alguns fatores, a comunicação humana acabava não acontecendo de forma intensa. No entanto, a partir da evolução da criação softwares para a Internet e, principalmente, a partir do momento em que ela se tornou o espaço de convergência das tecnologias, tornou-se possível o desenvolvimento de cursos online com maior interação entre alunos e professores. Cursos colaborativos em que todos os participantes têm voz ativa. A ênfase de tais cursos está nas possibilidades de interação entre todos. Orientam-se pelos princípios teóricos que preconizam a relação direta entre interação e aprendizagem, ou seja, quanto maior a interação e a troca de informações entre os alunos, maior será a capacidade de aprendizagem de todos.

Introdução

O presente artigo é parte das reflexões que vêm sendo feitas na elaboração de uma tese de doutorado na Faculdade de Educação da USP, sobre a comunicação nos cursos a distância realizados via Internet.

Tanto pela pesquisa que venho realizando quanto pela prática de 7 anos trabalhando com EAD *online*, pode-se dizer que uma das principais vantagens que a Educação a Distância via Internet apresenta sobre as formas anteriores (correspondência, rádio, etc.), é a possibilidade de interação e comunicação humana entre os participantes de um curso, oferecida através de diferentes tecnologias já incorporadas à Internet.

Nos modelos anteriores de Educação a Distância a comunicação humana acabava não acontecendo de forma intensa como, por exemplo, no modelo da EAD por correspondência. Neste modelo a interação professor-aluno dependia do tempo de envio e recebimento das cartas – isto sem levar em conta o tempo da escrita da carta -, o que, dependendo da localização geográfica do aluno e/ou do professor, demorava várias semanas.

No momento atual, com a constante evolução na criação de *softwares* para a Internet e, principalmente, a partir do momento em que ela se tornou o espaço de convergência das tecnologias, têm-se diversos e diferentes Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) - também conhecidos como *Learning Management Systems* (LMS) - nos quais é possível realizar diferentes tipos de cursos com os mais variados recursos tecnológicos.

No entanto, assim como a simples incorporação das tecnologias de informação e comunicação (TICs) no processo de ensino-aprendizagem não garante a qualidade e sucesso do mesmo, o uso dos ambientes virtuais também não garante a qualidade e sucesso de um curso a distância via Internet.

Contudo, o uso crescente destes ambientes mostrou que se tratava de uma outra realidade educacional, com características e sentidos próprios. Situações em que as tecnologias são apenas o meio para uma educação diferenciada e de qualidade. Uma educação em que os alunos ocupem o papel principal e o professor seja mais um dentre eles, faça parte da equipe.

Os ambientes virtuais de aprendizagem possibilitam o desenvolvimento de cursos *online* com maior interação entre alunos e professores. Cursos colaborativosⁱ em que todos os participantes têm voz ativa. Nestes cursos cada aluno é responsável pela sua própria aprendizagem e pelo desenvolvimento de todo o grupo de participantes. Reunidos em pequenos grupos, podem realizar atividades individuais e em grupos procurando superar desafios comuns que possam contribuir para a aprendizagem de todos. Os alunos oferecem colaborações e o curso vai sendo definido de acordo com o desempenho de toda a “comunidade” de professores e alunos envolvidos.

A ênfase de tais cursos está nas possibilidades de interação entre todos. Orientam-se pelos princípios teóricos que preconizam a relação direta entre interação e aprendizagem, ou seja, quanto maior a interação e a troca de informações entre os alunos, maior será a capacidade de aprendizagem de todos.

Características essas que mostram o diferencial dos ambientes virtuais para a aprendizagem individual e grupal. Nestes ambientes, a flexibilidade da navegação e as formas síncronas e assíncronas de comunicação, oferecem aos estudantes a oportunidade de definirem seus próprios caminhos de acesso às informações desejadas, afastando-se de modelos massivos de ensino e garantindo aprendizagens personalizadas.

Ensino e Comunicação

Os diferentes conceitos de ensino que permeiam todo o processo histórico da educação variam de acordo com os mapas pedagógicos, as interpretações epistemológicas e as convicções sobre as relações entre o sujeito e o objeto do conhecimento.

De acordo com Libâneo (1994), a atividade de ensinar é comumente vista como transmissão da matéria aos alunos (o professor “passa” a matéria). Tal transmissão se dá pela realização de exercícios repetitivos, memorização de definições e fórmulas. Para o autor, este tipo de ensino é “uma forma peculiar e empobrecida do que se costuma chamar de *ensino tradicional*” (id., *ibid.*, p.78), pois como afirma Paulo Freire, “ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (1996, p.22).

Num conceito mais abrangente, Pimenta afirma que

o ensino, fenômeno complexo, enquanto prática social realizada por seres humanos com seres humanos, é modificado pela ação e relação destes sujeitos - professores e alunos - historicamente situados, que são, por sua vez, modificados nesse processo. Então nos parece mais interessante compreender o fenômeno do ensino como uma *situação em movimento e diversa conforme os sujeitos, os lugares e os contextos onde ocorre*. Nessa perspectiva, não é possível dissecá-lo, para identificar suas regularidades, e com base nisso pretender a criação de regras, de técnicas e modos únicos de operá-lo. (2005, p.48, grifos da autora)

Essa compreensão do ensino como “uma situação em movimento e diversa conforme os sujeitos, os lugares e os contextos onde ocorre”, encontra na Educação a Distância via Internet - talvez mais do que em qualquer outra situação de ensino - seu sentido mais amplo. Uma vez que diferentes tipos de cursos podem ser oferecidos de diferentes formas, para diferentes públicos e em diferentes contextos. O ensino *online* é, portanto, uma situação em movimento e diversa por natureza.

Segundo Busato (1997), “a definição mais geral da comunicação a designa como todo ato de relação do indivíduo com os outros indivíduos e com o resto do mundo. Ora, o indivíduo humano está sempre em relação com alguém ou alguma coisa; portanto, ele está sempre em situação de comunicação”. Então, por consequência, como afirma Freire, “a educação é comunicação”. No entanto, ainda segundo o autor, ela só é comunicação, diálogo, “na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. (1977, p.69)

A teoria pedagógico-comunicacional, denominada Pedagogia da Comunicação, entende a atividade didática como um ato comunicativo e integrador, sendo o ato comunicativo praticado por sujeitos comunicantes.

Esta pedagogia tem como um de seus princípios criar, dentro dos espaços de aula, “oportunidades de vivências partilhadas entre alunos e entre estes e o professor” (Penteado, 1998, p.20). Nesta pedagogia a dialogicidade do professor-comunicador com os alunos, destes entre si, e de ambos com os meios de comunicação é fator determinante para gerar conhecimento. Contudo, esta não é uma pedagogia para os meios de comunicação e nem dos meios de comunicação. É uma pedagogia que considera a existência deles e vai, além disso, traduzindo-se em uma postura educacional com atitudes e procedimentos docentes na direção de um processo comunicacional.

De acordo com Porto (1998), atividades escolares significativas que estimulem a curiosidade e a iniciativa dos alunos, despertando-os para a compreensão da realidade e para a recepção participativa fazem parte dessa pedagogia que

procura que o sujeito escolar se converta de agente passivo em sujeito ativo, livre, responsável e crítico dos meios de comunicação, por meio de diferentes formas de expressão criativa – por imagens, códigos, símbolos, relações, emoções e sensações. (Penteado, 2002)

Seguindo essa linha, a metodologia de comunicação escolar - ou metodologia comunicacional de ensino - proposta por Penteado (2002), prevê atuação em parceria entre professor e alunos, como sujeitos da educação. Ao propor isto, a autora coloca a comunicação como eixo central do objetivo pedagógico.

A proposta é compreender a comunicação escolar por uma nova perspectiva; como um processo de comunicação específico. Esta forma de compreender sugere novas práticas docentes e discentes, que podem contribuir para a superação dos problemas presentes no modelo pedagógico tradicional. Entretanto, a autora adverte que é preciso estabelecer um modelo de ensino que viabilize um aprendizado crítico, coletivo e colaborativo. Para tanto, deve-se “aprender e atuar no coletivo e em coletividade; é preciso aprender a correspondência entre a atuação individual e a atuação coletiva, seja esta de natureza civil, empresarial, privada ou pública” (2002, p.36)

As propostas da Pedagogia da Comunicação e da metodologia comunicacional de ensino vão ao encontro das possibilidades comunicacionais que as tecnologias de informação e comunicação oferecem. No modelo de ensino a distância *online* com máxima interação há espaço para que os alunos explorem os temas propostos colaborativamente, ou ainda, busquem novas formas de trabalhar com o conteúdo, de acordo com seus interesses.

Nos cursos *online* colaborativos a informação já não é mais trabalhada de forma unidirecional – o professor falando aos alunos. Neles prioriza-se a possibilidade da participação e emissão de informações de todos (alunos e professor), quase que ao mesmo tempo. Segundo Pallof e Pratt,

fundamentais aos processos de aprendizagem são as interações entre os próprios estudantes, as interações entre os professores e os estudantes e a colaboração na aprendizagem que resulta de tais interações. Em outras palavras, a formação de uma comunidade de alunos, por meio da qual o conhecimento seja transmitido e os significados sejam criados conjuntamente, prepara o terreno para bons resultados na aprendizagem. (2002, p.27, grifos dos autores)

Professor - Sujeito Comunicante

Tardiff e Lessard classificam a docência como uma “profissão de relações humanas” (2005, p.68) e, citando Habermas, definem a atividade comunicacional como aquela que

envolve a interação entre, ao menos, dois sujeitos capazes de falar e agir que iniciam uma relação interpessoal (seja por meios verbais ou não-verbais). Os agentes buscam um entendimento sobre uma determinada situação, para estabelecer consensualmente seus planos de ação e, conseqüentemente, suas ações. (apud Tardiff e Lessard, 2005, p;248)

Essa atividade comunicacional exige que o professor, mais do que nunca, seja um sujeito comunicante (Penteado, 2002). Para trabalhar em uma proposta de ensino com intensa interação ele deve ver no ato educativo uma forma particular de comunicação, pois como afirma Busato,

o professor não é somente uma correia de transmissão de pacotes de conhecimentos que ele vai buscar numa prateleira e deposita na carteira dos alunos. Ao contrário, ele é um comunicador de saberes e sem as técnicas e as artes de comunicá-los ele não teria nenhum sucesso. (1997)

“Do ponto de vista da ação comunicacional, ensinar não é, tanto, fazer alguma coisa, mas fazer com alguém alguma coisa significativa” (Tardiff e Lessard, 2005, p.249). A comunicação implica na compreensão do conteúdo pelos sujeitos intercomunicantes. É sobre este conteúdo, ou a propósito dele, que se estabelece a relação comunicativa.

Para Freire (1977), é indispensável, que para o ato comunicativo ser eficiente, haja um acordo entre os sujeitos comunicantes. Neste acordo, a linguagem de um tem que ser percebida dentro de um quadro significativo comum ao outro, pois “não há pensamento que não esteja referido à realidade, direta ou indiretamente marcado por ela, do que resulta que a linguagem que o exprime não pode estar isenta destas marcas” (id., *ibid.*, p.70). Portanto, a comunicação eficiente deve privilegiar a relação “pensamento-linguagem-contexto” (realidade).

No ensino *online*, as várias tarefas e papéis exigidos do professor são classificados por Mauri Collins e Zane Berge (apud Palloff, 2002) em quatro áreas: *pedagógica, social, gerencial e técnica*.

A função pedagógica é definida como aquela que gira em torno da facilitação educacional. O papel do professor é o de garantir que algum processo educativo ocorra entre os alunos. Ele deve conduzir o processo de ensino de maneira a permitir aos alunos explorar não só o material do curso, mas também materiais a ele relacionados, sem restrições.

A função social - a mais importante delas para o foco da pesquisa que vem sendo realizada e que deu origem a este artigo -, diz respeito ao fomento de um ambiente social amigável, que é essencial à aprendizagem *online*. O professor é responsável por facilitar e dar espaço aos aspectos pessoais e sociais da comunidade a ser criada no curso, com o objetivo de que o curso seja uma experiência bem-sucedida. Collins e Berge referem-se a esta função como “estímulo às relações humanas, com a afirmação e o reconhecimento da contribuição dos alunos; isso inclui manter o grupo unido, ajudar de diferentes formas os participantes a trabalharem juntos por uma causa comum e oferecer aos alunos a possibilidade de desenvolver sua compreensão da coesão do

grupo” (apud Palloff, 2002, p.104). De acordo com os autores, estes elementos são a essência dos princípios necessários para construir e manter a comunidade virtual.

A função gerencial envolve normas referentes ao agendamento do curso, ao seu ritmo, aos objetivos traçados, à elaboração de regras e à tomada de decisões. O professor de um curso *online* colaborativo é quem envia um programa para o curso, incluindo atividades, formas de avaliação, diretrizes, etc. A função técnica depende da familiaridade do professor com a tecnologia utilizada no curso. Se o professor souber usar a tecnologia e sentir-se à vontade com ela, passará essa segurança aos alunos e estes, por sua vez, também se sentirão à vontade no ambiente virtual. Em outras palavras, em cursos a distância *online* a tecnologia precisa ser tão clara quanto possível.

A fluência tecnológicaⁱⁱ em conjunto com o agir comunicacional apresentado acima, são elementos importantes para que o professor se torne um arquiteto cognitivo (Lévy, 1993). Este novo perfil de professor-arquiteto é um profissional capaz de traçar estratégias e mapas de navegação que permitam ao aluno empreender, de forma autônoma e integrada, os próprios caminhos de construção do conhecimento em rede, assumindo, para isso, uma postura consciente de reflexão-na-ação e fazendo um uso crítico das tecnologias como novos ambientes de aprendizagem. (Lévy, 1993, Ramal, 2002)

O novo professor surge, diante desse ciberpanorama, como um estrategista do conhecimento. É o estudioso dos processos mentais, que sabe elaborar e testar hipóteses sobre as melhores formas de construção da árvore de competências, conteúdos e habilidades de cada aluno e de cada grupo de estudantes. Identificando as inúmeras possibilidades do mapa dos percursos, indica caminhos, propõe desafios e metas, desenha os mapas de navegação da mente. (Ramal, 2002, p.193)

Comunicação e Interação no Ensino *Online*

Muitas instituições que optaram por realizar cursos a distância via Internet acreditam que a sala de aula *online* não é diferente da sala de aula presencial. Acreditam que a forma de fazer educação é a mesma, presencial ou virtualmente. Contudo, quando uma das formas prioritárias de conexão com os alunos se dá por meio das palavras em uma tela, deve-se prestar atenção a muitas questões que, na sala de aula presencial, passam-se despercebidos por estarem - professor e alunos - fisicamente próximos.

O aspecto comunicacional humano é uma dessas questões.

Como afirma Palloff e Pratt, a aprendizagem no ambiente de EAD não pode ser passiva. “Aprender é um processo ativo, do qual tanto o professor quanto o aluno devem participar para que ele tenha sucesso. No processo, cria-se uma *rede de aprendizagem*. Em outras palavras, forma-se uma rede de interações entre o professor e os outros participantes. Por meio dela, o processo de aquisição do conhecimento é criado colaborativamente.” (2002, p.28)

Numa breve comparação entre as interações que podem ocorrer no ensino presencial e no *online*, Harassim afirma que

as interações online compartilham várias características com o ensino presencial: a apresentação de idéias, as discussões em classe, os debates e outras formas de construção de conhecimento através de interação e troca. O currículo pode ser organizado por tópicos e em seqüência, ao longo do tempo, e os alunos podem trabalhar em um único grupo, em grupos menores, em duplas ou individualmente. Os professores têm acesso às várias formas de discussão e de atividades curriculares. Eles também lidam com aspectos ausentes nos cursos presenciais: os participantes estão geograficamente dispersos e compartilham conhecimento e idéias num ambiente assíncrono, textual e de muitos-para-muitos. (Harasim *et alii*, 2005., p.50)

Práticas como o trabalho conjunto, a participação em pequenos grupos de discussão e em projetos, a leitura e a resposta a estudos de caso, a dramatização, o uso de simulações, o compartilhamento de idéias e tarefas colaborativas, como seminários e textos redigidos conjuntamente, funcionam bem na sala de aula *online*. Em geral, estas atividades envolvem discussão, debate, resolução de problemas, análises de projetos, etc.

Segundo Harasim, “esses espaços compartilhados podem se transformar em um local de experiência de aprendizagem cooperativa ricas e satisfatórias, em um processo coletivo e interativo de construção de conhecimento do qual os alunos participam ativamente, formulando idéias que suscitam reações e respostas dos outros colegas” (ibid., p.20)

A partir de diferentes perspectivas, incluindo as apresentadas pelos demais participantes envolvidos no processo, todos os alunos vão compreendendo melhor o que está sendo ensinado e como aplicar esses conhecimentos e práticas em suas vidas. O professor estimula a todos para que possam apresentar suas dúvidas. Eles são também encorajados a questionarem as proposições apresentadas pelos textos, pelo próprio professor e por todos os demais participantes. Ao fazê-lo, produzirão o resultado: a construção de novas formas de conhecimento e de novos significados. Quando os alunos se envolvem dessa maneira com o processo de aprendizagem, eles aprendem a aprender, além de adquirir a capacidade de analisar diferentes pontos de vista, pesquisar e pensar criticamente. Neste processo ativo e instigante de se trabalhar com o conhecimento de forma comunicativa e colaborativa, os professores também são beneficiados, pois também aprendem.

No entanto, Pallof e Pratt afirmam que “um dos principais desafios das escolas virtuais está na criação de ambientes de ensino interessantes e estimulantes a partir de programas e processos predominantemente textuais” (apud Kenski, 2003, p.67). Criar estes ambientes é, em grande parte, tarefa do professor, pois ainda segundo as autoras

quando o ensinar e o aprender deixam a sala de aula, cabe ao professor criar uma espécie de embalagem na qual o curso transcorre com o envio de metas, de objetivos e de resultados esperados, com as diretrizes iniciais para a participação, com pensamentos e questões que estimulem a discussão e com tarefas que sejam completadas colaborativamente. Será, então, a hora de o professor assumir uma posição secundária e de guiar cuidadosamente os alunos ao longo do processo, monitorando a discussão e participando dela para incitar os estudantes a olhar com outros olhos o material de que dispõem ou, se necessário, conduzir delicadamente a discussão de volta aos trilhos. Esta não é uma responsabilidade que se assumam facilmente, pois requer o contato diário com os estudantes e a presença constante do professor. O professor, assim, incorpora às tarefas estabelecidas o retorno que os

estudantes dão ao que se está estudando, e essa co-participação será considerada no momento da avaliação do progresso do aluno. (Palloff e Pratt, 2002, p.40)

Percebe-se, portanto, que as possíveis interações em cursos *online* são resultantes de processos educacionais e comunicacionais baseados em pressupostos teóricos e técnicos específicos de cursos *online*, a distância. Nestes processos tem-se de considerar as especificidades da EAD *online* e encarar o grande desafio que é o uso de tarefas colaborativas com pessoas que não se conhecem, estão fisicamente distantes e cuja forma de comunicação predominante acontece através de *e-mails*, fóruns, *chats*, etc.

Melhores Condições de Aprendizagem

As possíveis comunicações interativas propiciadas por atividades colaborativas, têm como foco principal oferecer melhores condições de aprendizagem ao grupo de participantes de um curso *online*. Elas não excluem, no entanto, muitas das práticas realizadas em aulas presenciais que tenham como preocupação a aprendizagem significativa por todos os participantes do processo - professor e alunos.

De acordo com Palloff e Pratt, “onde quer que ocorra, a atividade colaborativa é o coração do curso centrado no aluno” (2004, p.32) e oferecer aos alunos atividades com o objetivo de desenvolver o pensamento crítico, é essencial a este tipo de curso.

Palloff e Pratt (2004) colocam a reflexão - seja sobre os resultados da atividade colaborativa, seja sobre o processo de aprendizagem ou o conteúdo do curso - como uma característica primordial da aprendizagem *online*. A reflexão a que as autoras de referem tem elementos que ajudam a transformar o aluno em um sujeito reflexivo, pois possui caráter investigativo e questionador. O primeiro acontece na busca do significado que o material estudado tem para a vida do aluno e das mudanças que talvez precisem ocorrer para acomodar essa nova aprendizagem. E o segundo, no sentido de questionar de onde as idéias vêm e como são construídas.

Ainda segundo as autoras,

o fato de apenas pedir aos alunos para responderem às questões de discussão e às mensagens de seus colegas é o suficiente para dar início ao processo de reflexão. Os alunos aprendem que um dos aspectos mais belos da aprendizagem *online* é que eles têm tempo para refletir sobre o material que estudam e sobre as idéias de seus colegas antes de escreverem suas próprias respostas. Estimular os alunos a escrever *off-line* é algo que também ajuda o processo reflexivo. (2004, p.33)

Tal forma de entender o processo de aprendizagem vai ao encontro do pensamento de Paulo Freire quando diz que “o exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca de perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser”. (1996, p.88)

No entanto, o envolvimento do aluno nesse processo depende de que o ensino seja organizado de tal forma que as dificuldades que vão aparecendo, tornem-se problemas subjetivos na mente dele e provoquem curiosidade e vontade de superá-las. Sobre isto, Libâneo afirma que,

as dificuldades somente têm valor didático se possibilitam a ativação e o direcionamento das forças intelectuais, ou seja, um meio para avançar na compreensão e assimilação da matéria. Para isso se requer: a ligação do conhecimento novo com o já existente na cabeça dos alunos; a solidez dos conhecimentos anteriormente assimilados como base para enfrentar o conhecimento novo; a constante verificação do progresso alcançado; a constante revisão e exercitação dos conhecimentos e habilidades. (1994, p.95)

Para Freire o papel do professor ao ensinar um determinado conteúdo não é o de apenas descrever a substantividade do conteúdo para que o aluno o fixe. Mas falar com clareza sobre o objeto, incitando-o a produzir a compreensão do mesmo a partir dos materiais oferecidos. Para que a verdadeira relação de comunicação entre o professor e o aluno se estabeleça, este último precisa se apropriar da inteligência do conteúdo, pois aprender não é memorizar. “Ensinar e aprender têm que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir *entrando* como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagar”. (1996, p.118-9)

Juntar todos esses elementos no processo de ensino-aprendizagem em cursos a distância *online*, sugere uma nova forma de fazer didático. Uma forma que privilegie a comunicação humana proporcionando intensa interação entre todos participantes de um curso, com o propósito de proporcionar uma aprendizagem que dê autonomia ao aluno ao mesmo tempo em que o desperta para a participação interessada e comprometida com o grupo. Que estimule a iniciativa e dê liberdade de ação didática (sugerir modificações na aula disponibilizada, por exemplo) voltada à aprendizagem.

Bibliografia

BUSATO, Luiz R. **Tecnologias de Informação e Comunicação e Educação**. Texto apresentado no 4º Educador - Congresso Internacional de Educação. São Paulo, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 148p. (Leitura).

_____. **Extensão ou Comunicação?**. Tradução por Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 93p. (O Mundo Hoje)

HARASIM, Linda et al. **Redes de Aprendizagem: Um guia para ensino e aprendizagem on-line**. Tradução por Ibraíma Dafonte Tavares. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005. 416p.

KENSKI, Vani M. **Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância**. Campinas, SP: Papyrus, 2003. 157p. (Prática Pedagógica).

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência: O futuro do pensamento na era da informática**. Tradução por Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. 203p. (Trans).

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. 263p. (Magistério - 2º grau. Série Formação do Professor).

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Takahashi, Tadao (Org.). **Sociedade da Informação no Brasil**: Livro Verde. Brasília, 2000. 195p. Cap. 4: Educação na Sociedade da Informação.

PALLOF, Rena M., PRATT, Keith. **O Aluno Virtual: Um guia para trabalhar com estudante on-line**. Tradução por Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2004. 216p.

_____. **Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço: Estratégias eficientes para a sala de aula on-line**. Tradução por Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2002. 248p.

PENTEADO, Heloísa Dupas. **Comunicação Escolar: Uma metodologia de ensino**. São Paulo: Editora Salesiana, 2002. 215p.

_____. *Pedagogia da Comunicação: Sujeitos comunicantes*. In: PENTEADO, Heloísa Dupas (org.) **Pedagogia da Comunicação: Teorias e práticas**. São Paulo: Cortez, 1998, p.13-21.

PORTO, Tânia Maria Esperon.. *Educação para a Mídia / Pedagogia da Comunicação: Caminhos e desafios*. In: PENTEADO, Heloísa Dupas (org.) **Pedagogia da Comunicação: Teorias e práticas**. São Paulo: Cortez, 1998, p.23-49.

PIMENTA, Selma G., ANASTASIOU, Lea das G. C. **Docência no Ensino Superior**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005. 279p. (Docência em Formação).

RAMAL, André Cecília. **Educação na Cibercultura: Hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002. 268p.

TARDIFF, Maurice, LESSARD, Claude. **O Trabalho Docente: Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Tradução por João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. 317p.

ⁱ O simples fato de um curso ter disponível no LMS (ou fora dele) fórum, chat, *e-mail*, etc., não quer dizer que ele é colaborativo.

ⁱⁱ Sobre o conceito de fluência tecnológica, uso nesta pesquisa a revisão conceitual de fluência em Tecnologias de Informação apresentada no Livro Verde da Sociedade da Informação no Brasil, em que "... o Comitê de Alfabetização em Tecnologias de Informatização, instituído pelo Conselho Nacional de Pesquisas dos EUA propunha a noção de fluência em contraposição à alfabetização para denotar a 'capacidade de reformular conhecimentos, expressar-se criativa e apropriadamente, e produzir e gerar informação (em vez de meramente compreendê-la)'. Onde o objetivo dessa revisão conceitual era endereçar o problema de pessoas que, embora 'alfabetizadas' no mundo digital, necessitavam de algo mais para efetivamente funcionar na sociedade da informação" (Livro Verde, p. 49).

Complementando o conceito acima, ter fluência tecnológica é possuir conhecimentos tecnológicos básicos e habilidades específicas. Tais habilidades se traduzem em saber utilizar alguns recursos do computador, como, por exemplo: editor de textos, planilha eletrônica, software de apresentação, navegar e pesquisar na Internet, enviar e receber *e-mails*, anexar, compactar e descompactar arquivos, fazer *download* e *upload* de arquivos.

Nome do arquivo: 55200763301PM.doc
Pasta: C:\ABED\Trabalhos_13CIED
Modelo: C:\Documents and Settings\Marcelo\Dados de aplicativos\Microsoft\Modelos\Normal.dot
Título: COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO NO ENSINO ONLINE
Assunto:
Autor: renato
Palavras-chave:
Comentários:
Data de criação: 2/5/2007 16:55:00
Número de alterações: 15
Última gravação: 5/5/2007 18:29:00
Salvo por: renato
Tempo total de edição: 157 Minutos
Última impressão: 24/8/2007 16:45:00
Como a última impressão
Número de páginas: 10
Número de palavras: 4.382 (aprox.)
Número de caracteres:23.668 (aprox.)